

# O ESTUDO DO SENTIDO NO BRASIL. A LÍNGUA EM USO COMO CRITÉRIO DE ANÁLISE

Tatiana Piccardi\*

**RESUMO:** A partir de uma perspectiva pragmática de linguagem, este artigo traça um breve panorama do que sejam os estudos sobre o sentido no Brasil, através do levantamento e análise dos resumos dos artigos publicados sobre o tema de 1985 a 1999 na revista DELTA (Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada).

**Palavras-chave:** Funcionalismo, Pragmática, Pragmática Lingüística, Sentido, Produção de Sentido.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Os estudos sobre a produção do sentido no Brasil: considerações iniciais

**S**e comparada à lingüística das décadas de 60 a 80,<sup>1</sup> a lingüística brasileira dos últimos quinze a vinte anos tem se caracterizado por uma preocupação maior com a questão da produção do sentido, como procuraremos demonstrar nos itens posteriores. De modo geral, o estudo abrangente do sentido tem sido ao mesmo tempo causa e consequência de uma perspectiva menos formalista (lógico/matemática)

---

Universidade de São Paulo (Pós-Graduação).

<sup>1</sup> Entre 1966 e 1988, dos 208 artigos publicados em revistas especializadas em lingüística no Brasil, 106 privilegiaram as perspectivas gramatical, teórica e metateórica. Apenas 11 concentraram-se na perspectiva histórica, pois o interesse histórico de caráter filológico diminuía enquanto uma lingüística de caráter sincrônico se impunha. Dos restantes 91 artigos, 70 trataram da questão uso/variação do português do Brasil, número expressivo

e mais funcionalista por parte dos lingüistas brasileiros em relação à linguagem. Causa porque quanto mais se estuda a produção do sentido mais se constata que uma linguagem vista como sinônimo de código, fechada em si mesma e autogeradora, restringe e muitas vezes inviabiliza o estudo do sentido; e consequência porque é a perspectiva funcionalista que permite explorar o tema com a abrangência requerida, ao mesmo tempo em que desafia o lingüista a buscar o alargamento de sua visão do que seja linguagem.

Essa valorização do estudo do sentido, alinhada a uma perspectiva funcionalista, deve ser entendida no contexto sociohistórico. Por um lado, este movimento em direção ao funcionalismo, que o elege como o paradigma atual, não é localizado. Como lingüistas de recepção, o que fazemos no Brasil é dar continuidade, com certo atraso, a tendências gerais nos países dos quais “importamos” teorias lingüísticas, em particular Estados Unidos e França. Por outro, e ao mesmo tempo, a recepção se dá de tal ou tal forma em função das condições históricas em que se encontra o país receptor. Entre os anos 60 e 80, consolidou-se entre os lingüistas brasileiros o interesse pela sociolingüística, que *significou* um caminho para caracterizar uma lingüística nacional. Esta predisposição para associar teoria e prática lingüística em certo contexto sociohistórico é de caráter funcionalista e parece ter sido um fator de incentivo ao alargamento do horizonte dos estudos da linguagem no Brasil e da boa receptividade à perspectiva funcionalista.

O interesse por lingüística aplicada (no princípio especialmente à educação) iniciado naquele período vem no bojo desta mesma necessidade de busca de uma identidade lingüística nacional e parece ter igualmente influenciado positivamente a boa recepção à perspectiva funcionalista.

Podemos dizer que a sociolingüística e a lingüística aplicada teriam se destacado entre nós porque ajudaram a refletir sobre a

---

que revela a necessidade da época de consolidar uma lingüística brasileira, e 21 trataram de temas de interesse da lingüística aplicada (ver ALTMAN, 1988).

forma de *resignificar* o papel do lingüista e das teorias importadas, que deveriam estar a serviço de um objeto de interesse específico: o português do Brasil. As perguntas que se faziam poderiam ter sido: o que todas as novas teorias que chegam no país *significam* para nós, como lingüistas brasileiros que buscam certa unidade? O que está mudando? O que *significa* esta mudança? Das reflexões resultantes a uma atenção mais dirigida ao estudo do sentido foi um passo, pois a preocupação com o *significar* estava no bojo do próprio momento histórico.

Nos últimos quinze a vinte anos, notamos que o meio acadêmico brasileiro tem se tornado particularmente receptivo a esta ampliação do conceito de linguagem – que implica olhar os estudos sobre produção do sentido de forma mais ampla –, pois a fase de consolidação da lingüística como ciência institucionalizada e autônoma está terminada.

Durante as décadas de 60 a 80, no mesmo período em que a sociolingüística ganhava expressão no meio científico e alimentava a reflexão sobre fazer lingüística no Brasil, era necessária ainda uma visão bastante limitada do objeto da lingüística a fim de que esta se distinguisse de forma clara de outras disciplinas e conquistasse seu espaço no meio científico-acadêmico. A interdisciplinaridade que uma visão mais aberta do objeto da lingüística pressupõe era indesejável. Tanto assim que as disciplinas curriculares mais valorizadas durante todo aquele período foram a fonética e a morfossintaxe, ficando a semântica relegada à disciplina de segunda categoria, tendo seus estudos se centrado em categorizações de verdadeiro e falso, o que mais proximamente se adequava a uma visão de linguagem como elemento estanque.

A adoção de um pensamento científico convencional para os estudos lingüísticos, apoiada no raciocínio lógico-matemático pressuposto em uma visão formalista, representava o caminho para a institucionalização da lingüística brasileira. De fato, assim o foi, mas seria simplificar por demais a história não valorizar a tensão que já existia entre pontos de vista mais e menos formalistas e que

está cravada no pensar lingüístico nacional, podendo vir a ser a fonte de toda a sua riqueza daqui para frente.

Não se pode dizer também, sob o risco de simplificação, que exista univocidade entre os lingüistas brasileiros hoje quanto ao paradigma funcionalista, o que seria no mínimo indesejável. Há muitas formas de ser “funcionalista”, assim como há muitas formas de abordar o estudo do sentido, inclusive sob uma ótica formalista, considerada aqui parcial e restritiva. Não se trata de afirmar que atualmente estamos todos preocupados com a produção do sentido na e pela linguagem, da mesma maneira e com a mesma intensidade, e que os estudos estritos nas áreas de fonética e morfossintaxe não têm mais valor, até porque os próprios números levantados na pesquisa que se segue não apontam nessa direção. Trata-se de esboçar um breve perfil deste movimento de compreensão sobre o que seja o estudo do sentido no Brasil, incrementado nos últimos dezoito anos, e isto pela seleção criteriosa de artigos.

## 1.2 O PONTO DE VISTA DA PRAGMÁTICA

O fato é que se entre as décadas de 60 e 80 a lingüística brasileira procurava se consolidar como ciência independente, desvinculada da filologia (vista como não-ciência), criando as condições para sua institucionalização, com toda a tensão necessária, a partir de meados da década de 80 disciplinas novas que nasceram no bojo da lingüística (por oposição ou não aos seus pressupostos formalistas centrais) passam a viver a mesma luta por espaço institucional, em particular aquelas que nasceram voltadas a compreender a produção do sentido. Disciplinas extremamente recentes no Brasil, com caráter interdisciplinar, enfrentam o descaso de suas irmãs mais velhas e estáveis, apoiadas que estão, mais ou menos, no paradigma formalista, e que têm espaço garantido nas faculdades de Letras e Lingüística. Estas novas disciplinas são, para citar algumas, as diferentes semânticas não formais, as análises do discurso, teorias da enunciação, a lingüística textual e outra, caçula, a

pragmática. Observa-se que apenas as semióticas parecem escapar a esta luta por institucionalização, talvez por poderem garantir seus espaços em faculdades de Comunicação e Artes, além das de Letras e Lingüística.

Para entender o percurso da lingüística brasileira no que se refere ao estudo do sentido, optamos por enquadrar esta breve pesquisa no quadro teórico da pragmática. Embora a pragmática não seja ainda, de fato, uma disciplina institucionalizada, não se tendo notícia de que possua cadeiras específicas nas principais universidades brasileiras, o alargamento que propõe ao procurar definir o objeto dos estudos lingüísticos nos interessa especialmente, pois torna coerente a análise que procuraremos esboçar nos itens seguintes. A pragmática parte de um conceito norteador básico, ao qual podem se alinhar várias outras maneiras de se entender a produção do sentido: *o sentido se produz quando se usa a língua*. É do sentido entendido do ponto de vista da Pragmática que estamos tratando aqui.

Para definir pragmática, partimos das posições de Stephen Levinson, por sua preocupação em estabelecer mais claramente os limites da disciplina, com todas as dificuldades que tal empreendimento oferece. Segundo Levinson (1983, p. 7), uma definição completa é difícil “for the simple reason that the set of pragmatic (as opposed to semantic, syntactic or sociolinguistic) anomalies are presupposed, rather than explained”.<sup>2</sup> E mais adiante (p. 35), justificando a importância das abordagens lingüísticas que englobam a pragmática:

This amounts to a concise argument that semantics is not autonomous with respect to pragmatics, and that pragmatics provides part of the necessary input to a semantic theory. But if pragmatics is, on occasions, logically prior to semantics, a general linguistic theory simply must incorporate pragmatics as a component or level in the overall integrated theory.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Pela simples razão de que o conjunto das irregularidades pragmáticas (ao contrário das irregularidades semânticas, sintáticas e sociolingüísticas) são pressupostas em vez de explicitadas.

<sup>3</sup> Isto leva ao argumento de que a semântica não é autônoma em relação à pragmática, e que a pragmática fornece parte do “input” necessário à teoria semântica. Mas se a pragmá-

Jacob Mey (1993, p. 5), estudioso da pragmática que privilegia a linguagem nas relações sociais, define a disciplina como:

[...] the science of language seen in relation to its users. That is to say, not the science of language in its own right, or the science of language as seen and studied by the linguists, or the science of language as the expression of our desire to play schoolmarm, but the science of language as it is used by real, live people, for their own purposes and within their limitations and affordances.<sup>4</sup>

A abordagem pragmática, de acordo com Mey, deve levar em conta nos estudos da língua em uso dois aspectos fundamentais: o contexto da produção lingüística e as intenções dos envolvidos. A pragmática mais voltada a estes aspectos Mey chama de macro-pragmática, em oposição ao que ele chama de micropragmática, que estaria mais voltada aos estudos referentes à implicatura, dêixis, anáfora/referência e atos de fala. A pragmática fornece não somente um quadro teórico que permite tratar de assuntos como os atos de linguagem, a argumentação, as leis da conversação ou os subentendidos, mas também um modo de aproximação original de problemas considerados tradicionalmente concernentes à semântica: referências, modalidades, pressuposições etc. Mais geralmente, a pragmática estuda a utilização da língua no discurso e as marcas específicas que, na língua, atestam sua vocação discursiva. O sentido pragmático, se é que se pode tentar uma definição ao máximo sintética e simplificada, é o que depende da situação de enunciação naquilo que ela tem de mais particular.

Se quisermos visualizar a pragmática em um quadro histórico amplo, podemos afirmar, junto com Nerlich e Clarke (1994), que já

---

tica é, algumas vezes, logicamente anterior à semântica, uma teoria de lingüística geral simplesmente deve incorporar a pragmática como um componente ou nível no interior de uma teoria integrada.

<sup>4</sup> [...] a ciência da linguagem vista na relação com seus usuários. Isto quer dizer, não a ciência da linguagem vista por si só, ou a ciência da linguagem como vista e estudada pelos lingüistas, ou a ciência da linguagem como a expressão de nosso desejo de brincar de professor, mas a ciência da linguagem como esta é usada pelas pessoas vivas, reais, para seus próprios propósitos e dentro de suas limitações e recursos.

em finais do século XIX uma certa visão pragmática da linguagem (protopragmática) se manifestava tanto na Europa como nos Estados Unidos. Tal maneira de ver a linguagem, menos alinhada ao pensamento lingüístico da época, apoiava-se em diversos estudos filosóficos. Nerlich e Clark distinguem várias tradições filosóficas inseridas em uma protopragmática. A filosofia de Kant e Fichte, por exemplo, teriam conduzido à formulação da filosofia da linguagem de Humboldt e Bernhardi, e às especulações em lingüística geral de Vater, Roth, Pölitz, Reinbeck e Reinhold. A filosofia de Locke teria inspirado a filosofia da linguagem de Condillac, por um lado, e a filosofia do senso comum de Reid e Stewart, que por sua vez teria conduzido à contextualização semiótica feita por Smart. As diversas teorias sobre contexto não tiveram continuidade em si, mas inspiraram em parte as idéias de Peirce, que desenvolveu uma teoria pragmática inserida na semiótica. Peirce foi seguido por James Dewey e finalmente Morris, cujo trabalho foi fundamental para separar uma pragmática peirciana de uma pragmática atual, baseada nos filósofos da linguagem do início do século XX, dentre os quais, considerando adeptos e adversários de Morris, citamos Carnap, Frege, Russel e Wittgenstein.

Nerlich e Clarke relacionam quatro fontes principais de inspiração para a pragmática atual:

- A teoria dos modos, conhecida desde os tempos dos grego-romanos, que nada mais é do que a diferenciação de três categorias clássicas: os modos indicativo, imperativo e interrogativo. Tentativas recentes de correlacionar os atos de fala a tais modos são encontradas nos trabalhos de Gardiner, Marty e Bühler. A modalidade em um sentido amplo foi o foco das teorias da enunciação francesas, que usaram a distinção feita já na Idade Média entre “modus” e “dictum”
- A teoria dos dêiticos, que, segundo Nerlich e Clarke, já era conhecida em outros termos desde o século II a.C., quando se reconheceu o *status* específico de termos como “eu”, “aqui”, “agora”

etc. Em nosso século, os dêiticos interessaram a lingüistas como Humboldt, Brugmann, Bühler e Jakobson.

- O campo da retórica, desenvolvida desde a Antigüidade como parte dos estudos da linguagem, e que continuou a ser estudada na Idade Média, quando se tornou parte do que se denominava “trivium” (o estudo das disciplinas retórica, gramática e lógica). Devido ao esforço para se constituir a ciência lingüística durante o século XIX, os estudiosos detiveram-se no estudo da gramática por ela mesma, separando-a do estudo da linguagem como discurso (retórica) e dos estudos da lógica. Lingüistas e filósofos que optaram por não seguir o caminho da lingüística histórico-comparativa em voga, trabalharam com conceitos herdados da retórica (por exemplo, as figuras de linguagem, situação e discurso, funções do discurso, interação entre interlocutores e a tríade gramática/lógica/retórica – que deu origem a muitas tríades das semióticas atuais, como a tríade sintaxe/semântica/pragmática).
- Finalmente, a consciência (crescente no final do século XIX) das possíveis incongruências entre os conceitos forma e função. Como exemplo, as incongruências entre uma “sentença tipo” e sua “força” (uma ordem pode ser expressa pelo que mais tarde se denominaria “constativo”, ou um desejo por uma pergunta etc.). Tal consciência sobre a não-correspondência entre forma e função, ou linguagem e pensamento, ou intenção e convenção, levou os lingüistas a questionar a posição da gramática tradicional e sua relação com a lógica.

Além destas fontes de inspiração positivas, Nerlich e Clarke relacionam três negativas, ou seja, fontes que inspiraram a pragmática por oposição:

- A rejeição à noção reducionista de sentença (como *statement*, afirmação, julgamento, representação de um pensamento ou proposição), que permeia a lingüística desde Aristóteles. Esta oposi-

ção estimulou abordagens pragmáticas desde Thomas Reid (final do século XVIII) a John Austin (em meados do nosso século).

- A visão de língua como organismo, que influenciou os estudos da linguagem a partir do final do século XVIII. Alguns autores, embora usando o termo organismo, puderam emprestar-lhe um novo sentido, como Humboldt, na Alemanha, que enfatizava que a linguagem existe somente nos atos de fala e varia de acordo com o ímpeto e a atividade mental dos interlocutores. Também se encontram elementos da pragmática em autores que eram estritamente contra o conceito de organismo, como Michel Bréal, na França, e William Whitney, nos Estados Unidos (já no final do século XIX, início do XX).
- A terceira fonte de inspiração negativa compõe-se de uma dupla rejeição: a rejeição da visão de linguagem como representação do pensamento e a rejeição da visão de linguagem como convenção. A crítica à noção de linguagem como representação do pensamento inspirou a pragmática duas vezes. Uma no começo do século XIX, quando filósofos românticos e idealistas começaram a questionar as teorias lingüísticas advindas do iluminismo, e depois no começo do século XX, quando psicólogos e lingüistas começaram a criticar a teoria da representação da linguagem, tendo as teorias de Wilhelm Wundt como principal alvo. Para os estudiosos da pragmática das mais diversas linhas, a linguagem não representa o pensamento, não é apenas a expressão do pensamento, mas sim um meio de, ao estabelecer a comunicação, influenciar as pessoas de certas maneiras, agir sobre elas. Quanto à linguagem vista como convenção, e portanto arbitrária, novamente temos dois momentos na história em que um modo pragmático de ver a linguagem se insurge contra tal concepção. Uma vez, no fim do século XVIII, e depois, no começo do século XX, com Saussure. De novo, os pensadores desta protoprágmatika tenderam a considerar a linguagem não apenas um sistema composto de símbolos convencionais. Nesses períodos, começou-se a questionar noções como a motivação para a formação da es-

estrutura fonética e seu significado, a questão da “naturalidade” da linguagem (a linguagem como elemento da natureza ou elemento cultural), a motivação dos falantes durante a interlocução etc.

Com o passar das décadas, tais linhas de pensamento alinharam-se em correntes lingüísticas que são a base dos estudos pragmáticos atuais, a saber:

- A teoria dos atos de fala (Inglaterra): originada da filosofia da linguagem ordinária, teve Austin como representante principal e seguidores importantes como Searle, nos Estados Unidos. Considera que a linguagem é ação e que, como tal, produz determinados efeitos de sentido nem sempre marcados na superfície discursiva. Com este enfoque, contrapõe-se à visão tradicional da semântica vericondicional, para a qual o sentido corresponde à forma lingüística.
- A teoria da enunciação (França): que tem como representante central Benveniste, focaliza a subjetividade na linguagem, valorizando o ato de produzir o enunciado mais do que o texto desse enunciado. Em suas ramificações, as teorias da enunciação consideram que o sentido abarca mais que a materialidade da frase, sendo necessário, para sua apreensão, levar em conta, além da inserção da subjetividade, as condições de produção do enunciado.
- A pragmática universal (Alemanha): a teoria dos atos de fala, importada da Inglaterra, sofreu na Alemanha influências da filosofia transcendental e da teoria crítica de Habermas e Apel, constituindo-se em outra tendência da pragmática, com ênfase na interação, na intersubjetividade e no entendimento entre falantes, atendo-se menos a normas e convenções. Alinha-se ao pensar protopragmático de Humboldt e Bühler.
- Pragmática como parte da semiótica (Estados Unidos): tem como idealizador o filósofo e semioticista Charles S. Peirce, no início

do século. Peirce inova ao propor a tríade signo/interpretante/objeto (em oposição aos estudiosos da época que distinguiam como componentes do sentido, conforme proposto por Saussure, apenas um significado e um significante). O signo, para Peirce, corresponde ao significante, o interpretante a significado e o objeto corresponde a um certo recorte da realidade, a um ponto de vista que o falante necessariamente assume ao usar a linguagem. Este terceiro componente é o componente pragmático.

A tendência atual parece indicar uma confluência das diversas pragmáticas, que estariam assumindo uma postura mais comprometida socialmente. Isto equivale a dizer que é cada vez menos possível pensar uma ciência lingüística, dentro da qual se inscreve a pragmática, não relacionada ao contexto de produção da linguagem e, portanto, alheia aos fatos sociais. É a partir desta perspectiva que entendemos o termo “sentido”, e é o estudo do sentido nestes termos que iremos averiguar na produção lingüística brasileira dos últimos quinze anos.

### 1.3 OBJETIVOS DESTE TRABALHO

Estas explicações introdutórias nos permitem agora esboçar os objetivos deste trabalho, que, por não serem modestos, pressupõem seu não-esgotamento neste artigo e a necessidade de se aprofundar a reflexão em trabalho posterior. São, desta forma, dois os objetivos que irão se articular daqui para frente:

- Traçar um breve panorama do que sejam os estudos sobre o sentido no Brasil, sabidamente recentes, com o levantamento e análise dos artigos publicados sobre o tema nos últimos quinze anos na revista DELTA (ver item Metodologia).
- Utilizar para tal o quadro teórico da pragmática, o que nos permitirá delimitar aproximações e afastamentos entre a pragmáti-

ca e disciplinas afins, ampliando o entendimento do que seja a pragmática lingüística no Brasil hoje.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 Critérios definidores: a Pragmática no Brasil

Traçar um quadro preciso sobre o que é ou como é vista a Pragmática no Brasil é tarefa que escapa aos propósitos deste artigo. A tarefa em si significa outra pesquisa, e muito mais ampla. O que se pretende aqui, devido à necessidade metodológica de deixar clara a perspectiva sob a qual se alinham as análises e as considerações finais, é apenas arriscar algumas constatações preliminares nascidas em boa parte da experiência diária com profissionais de Letras e Lingüística que atuam (como alunos ou professores) em duas das principais universidades do estado de São Paulo, a saber USP e Unicamp.<sup>5</sup>

Como vimos, a institucionalização da lingüística nas universidades brasileiras é recente (quarenta anos é muito pouco tempo quando se fala em consolidação de uma ciência ou disciplina) e exigiu que houvesse uma delimitação precisa do seu objeto, a partir de uma perspectiva científica estrita, formal, aceitável na época como a perspectiva que deveria nortear a “verdadeira ciência” Todo o esforço nascia da necessidade de contrapor a lingüística à filologia, que significava a “não-ciência” Este necessário reducionismo foi uma medida estratégica para fixação de uma área do saber, que não excluiu do campo de interesse de nossos lingüistas outras abordagens, embora consideradas “menores” Cursos de Letras e Lingüística mais recentes, como os da Unicamp, já nascem em um momento de distensão da luta institucional, portanto mais abertos ao alarga-

---

<sup>5</sup> Partimos do pressuposto, talvez equivocado, que esta experiência restrita pode ser significativa, uma vez que é do conhecimento geral que boa parte da produção científica na área dá-se nesses dois centros.

mento das perspectivas. Do mesmo período é a fundação da revista DELTA, que, como relatado em editorial no primeiro número (1985), pretendia ser veículo para todas as linhas de pesquisa na área da lingüística, o que implica uma visão mais distendida, que reflete uma postura saudavelmente polifônica.

Nos últimos quinze a vinte anos, várias abordagens ganharam respeitabilidade, mas poucas espaço institucional, uma vez que o conceito original do que é “ser científico” em lingüística no Brasil é bastante forte. É o caso da pragmática, disciplina sobre a qual poucos lingüistas brasileiros têm noção clara, não distorcida.

De fato, a bibliografia estrangeira que trata sobre a matéria só começou a entrar no Brasil no começo da década de 90. A tradução sistemática para o português de autores importantes que têm dado à pragmática seu perfil mais atual, como Jacob Mey, Stephen Levinson e Geoffrey Leech, é incipiente. Quando se fala em pragmática, lembra-se logo de autores como Grice, Searle e Austin que, embora fundamentais, não representam mais toda a pragmática, nem o que ela é hoje, como vimos no item 1.2 (O ponto de vista da Pragmática).

Nota-se certo desinteresse por parte dos profissionais da área, e certo preconceito que rotula a disciplina como “menor”, ou como o famoso “cesto de lixo” da lingüística, conforme ironiza Mey. Sua inclusão como disciplina nos mestrados e doutorados data de pouco mais de cinco anos, e sua inclusão na graduação é ainda mais recente, sempre como disciplina complementar.

Interessante notar que o desconhecimento não significa que os lingüistas brasileiros não façam pragmática, ou melhor, análises pragmáticas, mesmo quando não utilizam o termo para definir seu trabalho. Na verdade, os estudos recentes sobre o sentido têm acentuada orientação pragmática, conforme veremos pelos artigos selecionados, embora em grande parte não se auto-intitulem pragmáticos.

Finalmente, ousamos dizer que a dificuldade para compreender a pragmática e o que ela significa como caminho para o

aprofundamento dos estudos sobre o sentido passa pelo enorme desafio que é caminhar pelos seus conceitos com a flexibilidade necessária. A própria definição de conceito é complicada de um ponto de vista pragmático, pois entra em choque com a noção de ação, em foco todo o tempo. Ação pressupõe uma instabilidade com a qual a ciência lingüística como a conhecemos ainda não tem condições plenas de lidar, mas a qual não pode negar ou excluir do seu campo de estudos.

Poderíamos pensar então que a pragmática é qualquer coisa menos ciência, e então deixaria de representar um campo de interesse para os lingüistas. Parece-nos que a questão está, isto sim, em rever a postura da lingüística convencional, ou da própria ciência convencional, ao postular seus conceitos de forma estanque. Conceitos estanques não podem servir para o estudo de um objeto móvel que se renova e atualiza a partir de regularidades que não são apenas lingüísticas, embora necessariamente construam e marquem a linguagem. A dificuldade para se definir *relevância*, por exemplo, pode estar no fato de que se pretende uma definição imóvel para um fenômeno móvel no tempo e no espaço. Dascal (1982, p. 113), ao propor que a relevância está no bojo das implicaturas conversacionais, enfrenta o seguinte problema, segundo suas palavras: “como podem mensagens tão precisas como o são as implicaturas serem transmitidas através de um raciocínio que emprega, essencialmente, uma noção tão imprecisa como a de relevância?” Talvez o problema possa ser colocado de outra forma: como a instabilidade inerente ao conceito genérico e necessariamente impreciso de relevância se concretiza, atualiza e se estabiliza na implicatura conversacional? Ou ainda, em termos metodológicos, é desejável, construível e operável lingüisticamente a noção de conceito instável?

O momento é, enfim, de reconhecimento da disciplina para uma futura institucionalização. O confronto das perspectivas pragmática  $\chi$  lingüística convencional se assemelha ao confronto lingüística  $\chi$  filologia, embora talvez com menor impacto. Não houve

tempo ainda para que se traçasse um distanciamento propício à reflexão histórica. Os próximos anos dirão.

## 2.2 Levantamento dos artigos analisados: critérios de seleção

A perspectiva pragmática orientou a seleção dos artigos no que se refere ao seu conteúdo. Os procedimentos historiográficos propostos por Altman (1998) forneceram a base metodológica geral para o recorte.

A revista DELTA (Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada) foi a publicação escolhida como fonte para seleção dos artigos por se tratar de veículo consensualmente expressivo da produção científica em lingüística no Brasil, não apenas pela qualidade dos artigos, como também pela diversidade de linhas teóricas que apresenta.

Foram lidos os resumos de todos os artigos publicados de 1985 (ano inaugural) a 1999. Se o resumo se apresentou insatisfatório, recorreu-se ao texto na íntegra a fim de se esclarecer o uso de conceitos e apreender com mais precisão a linha teórica.

Todos os artigos que trataram a questão produção de sentido direta ou indiretamente, de uma perspectiva mais ou menos pragmática, foram catalogados. Pudemos observar que a porcentagem de artigos sobre o sentido se apresentou regular, embora os enquadramentos teóricos específicos e as categorias analisadas divergissem. A seguir, apresentamos os quadros resultantes desta catalogação, que por si trazem informação relevante. O item 3 deste artigo tratará de analisar a informação levantada nos quadros, procurando traçar um panorama inicial sobre o percurso dos estudos sobre produção de sentido no Brasil.

É importante observar que não foi levado em conta neste trabalho o nome da instituição a que se filiam (ou se filiaram na época da produção dos artigos) os autores dos textos selecionados. As razões para esta exclusão metodológica são duas: a primeira é evi-

tar que o escopo deste trabalho ultrapasse o esperado em um artigo; a segunda refere-se ao fato de considerarmos necessário deixar aos especialistas a continuidade desta pesquisa. Sabemos que considerar o aspecto “filiação” pode reorientar as considerações finais, pois a análise se amplia em função de fatores extralingüísticos. Poder-se-ia ainda, em contrapartida, argumentar que realizar a análise externa aqui se coadunaria com nossa perspectiva pragmática sobre questões de língua e linguagem, o que emprestaria maior coerência a este estudo. No entanto, não possuímos condições para um empreendimento deste porte no momento, o que pressupõe algum tipo de vivência nas instituições em foco e uma pesquisa historiográfica específica referente à produção lingüística nessas instituições no período. Sem isso, não há como evitar colocações precipitadas e de fundamentação duvidosa.

2.2.1 Número de artigos publicados na revista DELTA (período 1985-1999) com destaque para os artigos que tratam a questão produção do sentido (direta ou indiretamente) e considerados de perfil pragmático

ANO	VOL.	NUMERO	TOT. ARTIGOS	ARTIGOS SOBRE PROD. SENTIDO
1985	1	1-2	5	0
1986	2	1	5	1
1986	2	2	3	1
1987	3	1	3	0
1987	3	2	4	1
1988	4	1	4	1
1988	4	2	3	2
1989	5	1	3	1
1989	5	2	3	1
1990	6	1	3	2
1990	6	2	3	1
1991	7	1	3	1
1991	7	2	3	1
1992	8	1	4	1
1992	8	2	4	3
1992	8	ESP	5	2
1993	9	1	4	0
1993	9	2	4	0

1993	9	ESP	6	3
1994	10	1	4	1
1994	10	2	5	2
1994	10	ESP	7	1
1995	11	1	4	3
1995	11	2	3	1
1996	12	1	4	1
1996	12	2	5	4
1997	13	1	4	2
1997	13	2	4	1
1998	14	1	5	1
1998	14	2	6	1
1998	14	ESP	17	2
1999	15	1	6	1
			143	43
		TOTAL		
		TOTAL EM %	100	30

2.2.2 Artigos publicados na revista DELTA (período 1985-1999) que tratam a *questão produção do sentido (direta ou indiretamente) e considerados de perfil pragmático*

ANO	V.	N.	TÍTULO	PP.	AUTOR	DESCRIÇÃO (CATEGORIAS/PONTO DE VISTA)
1986	2	1	1. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil	1-15	Faraco	Analisa o uso da sentença imperativa da perspectiva pragmática
1986	2	2	2. Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso	181-205	Magalhães	Analisa fragmentos do discurso religioso de certa comunidade destacando a importância das normas sociais como indicadores dos valores e ideologia evidenciados no discurso
1987	3	2	3. Uma abordagem teórica da concessão	139-161	Vieira Lima	Discute o fenômeno de um ponto de vista discursivo levando em conta polifonia e argumentação
1988	4	1	4. Relevância e lógica na conversação	21-40	Samara	Embora os conceitos implicatura e relevância (conf. Grice e Dascal) sejam negados a favor de explicações de ordem lógico-dedutivas, o texto interessa, pois evidencia o confronto formalismo X funcionalismo
1988	4	2	5. A relação entre produção e compreensão	193-223	Ikeda	O sentido visto a partir do princípio de cooperação de Grice
1988	4	2	6. Semântica formal X pragmática	183-192	Müller	Texto teórico preocupado com as distinções entre as áreas
1989	5	1	7. A noção de literalidade: metáfora primordial	37-49	Arrojo e Rajagopalan	O sentido posto em xeque. Nega a oposição sentido literal X sentido figurado, pois ambos dependem do contexto
1989	5	2	8. Mecanismos funcionais do uso da lógica	169-184	Votre e Navarro	Teoriza sobre o funcionalismo

SANTOS CASTINO, Sonia Breitenwieser Alves dos. A produção de sentidos e a palavra poética em *A ponte*, de Dante Milano.

ANO	V.	N.	TÍTULO	PP.	AUTOR	DESCRIÇÃO (CATEGORIAS/PONTO DE VISTA)
1990	6	1	9. As questões teóricas da tradução e a desconstrução do logocentrismo: algumas reflexões	41-53	Arrojo	Problemas de tradução: propõe a necessidade de se aceitar que qualquer atividade humana (inclusive a tradução) é inevitavelmente produzida pelo ponto de vista psicológico, social e ideológico do sujeito em certo tempo e lugar
1990	6	1	10. A quantificação na AD: quantidade equivale à qualidade?	19-40	Indursky	Aponta diferenças na operação nos níveis lógico e discursivo sob o ponto de vista da sociologia laboviana
1990	6	2	11. L'unité de la linguistique	127-137	Maingueneau	Observa a irredutibilidade da existência de duas naturezas diferentes da abordagem lingüística: uma que leva em conta um plano gramatical e outra um hipergramatical
1991	7	1	12. Análise do discurso: em busca de uma metodologia	333-355	Coracini	Preocupação em sistematizar o estudo da produção do sentido pelo viés específico da AD
1991	7	2	13. A constituição da subjetividade no discurso da propaganda	449-462	Brandão	A subjetividade que se constrói no discurso significa o que significa veiculada às condições históricas de sua produção
1992	8	1	14. O pretérito imperfeito (a importância da superestrutura na sua compreensão)	43-70	Ikeda	Considera que a escolha da forma gramatical está ligada ao contexto de uso da língua para produção de certos sentidos
1992	8	2	15. Língua oral, língua escrita: uma questão de valores sociais	243-261	Magalhães	Observa que o uso da língua incorpora uma estrutura social e uma relação de poder entre os usuários da língua
1992	8	2	16. O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador(a) nos estudos sobre compreensão da linguagem	205-223	Tfouni	Apesar do enfoque psicológico, o autor leva em conta a existência de um sistema de crenças e conhecimentos específicos estabelecidos social, histórica e culturalmente
1992	8	2	17. Cooperation and control in teaching: the evidence of classroom questions	187-203	Kleiman	Toda a análise é baseada no enfoque pragmático, com forte influência de Jacob Mey
1992	8	ESP	18. Entre aquele(a) que diz sim e aquele(a) que diz não: questões sobre a negação na construção da linguagem	125-151	Castro	Análise que leva em conta a polifonia na construção do sentido
1992	8	ESP	19. Discurso de elite e a reprodução do racismo	1-36	Dijk	Discute como o discurso legitima, naturaliza e reproduz o racismo nas falas institucionais e interpessoais, a partir da própria escola
1993	9	ESP	20. Interação e produção de texto: elementos para uma análise interpretativa crítica do discurso do professor	417-435	Kleiman	Analisa a produção do sentido no discurso levando em conta os aspectos interação e papel social

ANO	V.	N.	TÍTULO	PP.	AUTOR	DESCRIÇÃO (CATEGORIAS/PONTO DE VISTA)
1993	9	ESP	21. A produção de inferências e sua contribuição na construção do sentido	399-416	Koch	Verifica a produção do sentido com a análise da inferência, levando em conta que o sentido se produz na língua em uso
1993	9	ESP	22. "Chamaleon-linguist" and the revival of casuistry: afterthoughts on a controversial suggestion by Fernando Tarallo	339-351	Rajagopalan	Reflete sobre novas formas de abordar fatos lingüísticos, considerando-os experiências vividas que escapam à tendência universalizante de teorias lingüísticas totalizantes
1994	10	1	23. Motivações discursivas para o estudo da passiva	21-27	Cunha	Observa que a ocorrência da passiva em Português possui coersões contextuais, não apenas sintáticas
1994	10	2	24. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução	329-338	Moita Lopes	Discute a tradição interpretativista em lingüística aplicada e observa que a realidade social é construída pela linguagem assim como a linguagem oferece os meios para sua compreensão
1994	10	2	25. O lugar das sistematicidades lingüísticas na AD	295-307	Orlandi	Distingue a AD de linha francesa da Pragmática: a primeira preencheria um vácuo na lingüística ao ocupar o lugar em que a língua encontra os elementos histórico e ideológico. A Pragmática trabalharia o exterior lingüístico sem levar em conta o fator ideológico
1994	10	ESP	26. Spanish preferred argument structure across time and space	277-293	Bentivoglio	Discute se a PAS ("preferred argument structure") como estrutura gramatical e pragmaticamente motivada estava presente no espanhol antigo
1995	11	1	27. Interação e discurso oral: questões de aquisição de linguagem e letramento emergente	65-90	Rojo	Entende que os mecanismos para a interação (e conseqüente produção de sentido - grifo meu) variam dependendo das práticas sociais de grupos e culturas
1995	11	1	28. Strategies dans la gestion des interactions discordants	41-63	Chabrol	Trata da produção do sentido na interação, levando em conta os "contratos" que os falantes estabelecem entre si, as estratégias interacionais e orientações ritualizantes que implicam contexto de uso da língua
1995	11	1	29. Empregos do <i>porque</i> no discurso oral	27-39	Paiva	As ocorrências não se explicam meramente por razões lógico-semânticas, mas por razões pragmáticas (conf. Ducrot e Anscombe)
1995	11	2	30. Letramento e legitimidade de poder em contextos institucionais	185-200	Signorini	A preocupação com a produção do sentido no contexto da luta entre vozes divergentes
1996	12	1	31. A emergência da "coesão" narrativa "e daí" em narrativas infantis	57-86	Rojo	Produção de sentido analisada pelos aspectos contexto, interação e função
1996	12	2	32. Grammatical aspects of roles in culturally diverse oral presentations	281-306	Collins e Thompson	Ao analisar papéis sociais pelo discurso, percebe-se a linguagem como prática social e, portanto, geradora de sentido

ANO	V.	N.	TÍTULO	PP.	AUTOR	DESCRIÇÃO (CATEGORIAS/PONTO DE VISTA)
1996	12	2	33. A organização de preferência em cartas de pedido de empresas estatais brasileiras	265-280	Oliveira	Analisa a produção do sentido nas cartas em pauta, levando em conta polidez, interação e atos de fala no discurso empresarial
1996	12	2	34. Isto é um simples artigo, entendeu?	239-264	Machado	Analisa a produção de sentido pelos marcadores discursivos e pelo processo argumentativo; leva em conta memória discursiva e função
1996	12	2	35. O assujeitamento no discurso proverbial	207-220	Oliveira	Verifica que a conjuntura social determina a significação do provérbio
1997	13	1	36. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas	63-81	Serrani-Infante	Focaliza o funcionamento de fatores não cognitivos no processo de aquisição de segunda língua; propõe abordagem bipolar biológico-social do sujeito de linguagem
1997	13	1	37. A transparência ilocucionária e a marcação pragmática sob perspectiva interlingüística	35-61	Mitrano-Neto	Por meio de estudos empíricos de aprendizado de segunda língua, aponta para a importância da marcação pragmática para se entender a ocorrência de influência interlingüística na interlíngua
1997	13	2	38. "A manhã é uma esponja": um estudo sobre a engenhosidade semântica	247-273	Pires de Oliveira	Atribui a capacidade de se construir relação de similaridades no ato da interpretação da metáfora a restrições sintáticas, semânticas e pragmáticas
1998	14	1	39. Polifonia em enunciados negativos: vozes que habitam o dizer "não"	59-85	Rocha	Mostra o conflito de vozes no discurso empresarial (empregado X empregador) na construção dos sentidos
1998	14	2	40. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder	331-348	Mey	Aponta para as dificuldades encontradas por discursos emergentes na luta por construir sentido
1998	14	ESP	41. O seu trabalho está bom, mas ...	269-276	Urbano	Reflete sobre o uso da partícula "mas" como elemento que constrói sentido
1998	14	ESP	42. Processos de referenciação na produção discursiva	169-190	Kock e Marcuschi	Considera o processo de referenciação levando em conta o contexto de produção
1999	15	1	43. A interação sincronia / diacronia no estudo da sintaxe	85-111	Furtado da Cunha et al	Realiza o exame das formas gramaticais como fenômeno discursivo-pragmático, apenas primariamente sintático

### 3. ANÁLISE "INTERNA": PERSPECTIVAS TEÓRICAS E CATEGORIAS EM FOCO

O quadro esboçado no item 2.2.1 mostra a quantidade de artigos de viés pragmático (conforme nossa definição) publicada no período 85-99 na revista DELTA. Como já foi dito, a quantidade se mantém estável durante todo o período, o que pode revelar, por um lado, a preocupação da revista em manter o paradigma funcionalista

em pauta (e conseqüentemente a perspectiva pragmática) e, por outro, a produção suficiente de artigos do gênero para cobrir as necessidades de publicação. A distribuição regular dos artigos em cada revista e no decorrer dos anos pode mostrar ainda que a DELTA procura abrir espaço de forma eqüitativa entre as diversas tendências.

O que chama nossa atenção é menos a quantidade de artigos que abordam diretamente ou não a questão produção do sentido e mais a diferença qualitativa entre eles com o passar dos anos. E aqui entenda-se qualitativo de forma não avaliativa, ou seja, não fizemos julgar a pertinência analítica e teórica dos artigos, mas sim verificar mudanças de foco no decorrer do tempo.

De uma maneira geral, até aproximadamente 1993, nota-se a necessidade de consolidar o paradigma funcionalista por meio de textos teóricos que propunham a distinção formal X funcional. São desses primeiros anos os artigos de Rajagopalan (número 22 do quadro), Maingueneau<sup>6</sup> (número 11), de Votre e Navarro (n. 8), de Arrojo e Rajagopalan (n. 7), Müller (6), e Samara (4). Todos trazem à cena em termos teóricos a questão que preocupava na época, a saber, a dualidade que se configurava dentro da lingüística entre as perspectivas formalista e funcionalista.

Após esse período, os textos são todos analíticos, como que procurando demonstrar na prática lingüística a procedência deste novo olhar para a língua. Isto confirma também nossa posição como lingüistas de recepção, uma vez que a teoria nos serve quase que unicamente como maneira de justificar uma prática.

No período todo (85-99), o conjunto dos artigos selecionados – no que se refere ao conteúdo que enunciam, levando-se em conta a perspectiva teórica e as categorias analisadas – pode ser visualizado no esquema abaixo, em “paradigma funcionalista, perspectiva pragmática”, conforme segue:

---

<sup>6</sup> Optamos por não distinguir entre lingüistas brasileiros e estrangeiros na seleção dos artigos. Partimos do pressuposto de que a escolha de certos textos de lingüistas estrangeiros por parte dos editores da revista revela por si uma posição nacional.

Paradigma Formalista -> Perspectivas lingüísticas senso estrito

X

Paradigma Funcionalista -> Perspectiva pragmática:

1. Textos analíticos:

a) que analisam categorias de caráter pragmático

b) que analisam categorias não consensualmente vistas

como pragmáticas, mas que se enquadram na nossa definição de pragmática

2. Textos teóricos:

a) Fundamentam o paradigma funcionalista, embora não se definam necessariamente de perspectiva pragmática

De acordo com o conteúdo dos artigos e com nossa definição geral de pragmática (item 1.2), as perspectivas teóricas que enquadrados como de perfil pragmático e portanto preocupadas basicamente com a produção de sentido na e pela língua são: a lingüística textual, lingüística aplicada, análise da conversação, semânticas não formais, análises do discurso e teorias da enunciação.

As categorias que foram analisadas nos artigos e que são de caráter consensualmente pragmático são: a polifonia e estruturas, conectores e marcadores argumentativos.

Entendemos que qualquer categoria lingüística se vista de uma perspectiva discursiva (que implica língua em uso) se enquadra no que chamamos de categoria pragmática. Assim, demais categorias analisadas nos artigos que enquadrados como categorias pragmáticas são: diacronia e sincronia do ponto de vista discursivo, refe-

renciação, metáfora (sentido literal X sentido não literal), marcadores discursivos, polidez, interação, contratos entre falantes, inferências, subjetividade, implicatura e relevância.

Expressões utilizadas regularmente e que nos remetem à pragmática como uma disciplina que interage fortemente com a sociologia e a psicologia são: conjuntura social, fatores cognitivos e não cognitivos, contexto, práticas sociais e culturais, aspectos psicológicos, realidade social, papel social, falas institucionais, ideologia, sistema de crenças, estrutura social, poder, assujeitamento, condições históricas e sociais e normas sociais.

O casamento entre as teorias específicas, as categorias em foco e os empréstimos feitos à sociologia e à psicologia confirmam o florescimento no Brasil de uma pragmática lingüística comprometida socialmente e que leva em conta a posição do sujeito no contexto social, embora os próprios lingüistas brasileiros não se vejam atuando desta forma. Observe-se que poucos utilizam explicitamente o termo “pragmática” para se definir ou definir seu trabalho, no todo ou em parte (o termo aparece nos resumos dos artigos de Faraco (1), Kleiman (17), Orlandi (25) – neste caso, por oposição – , Bentivoglio (26), Paiva (29), Mitrano-Neto (37), Pires de Oliveira (38) e Furtado da Cunha et al. (43)). Nota-se, isto sim, com maior ou menor intensidade, a luta pela institucionalização de uma teoria específica, por vezes forçando-se distinções nem sempre evidentes, como no artigo de Orlandi (25) ou Samara (4).

Observamos ainda que, embora alinhados a nosso ver à perspectiva pragmática, os textos em geral não conversam entre si, polemizando-se ou retomando-se uns aos outros. Este é mais um tipo de desarticulação que impede a visão de conjunto dos próprios lingüistas em relação à sua produção como um todo. Há uma espécie de continuidade descontínua nos textos analisados (a produção lingüística sobre produção do sentido caminha na mesma direção, mas sem diálogo) que não reflete exatamente diferenças de perspectiva teórica, mas sim antagonismos entre grupos de poder. A análise externa a ser feita deverá aprofundar este ponto.

A convergência entre as diferentes teorias específicas e os grupos de poder que as manipulam está no interesse geral em direção à compreensão do sentido como um todo e dos processos linguísticos que orientam sua produção.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este movimento em direção ao entendimento sobre como são e como caminham os estudos sobre produção do sentido no Brasil não é, portanto, uniforme. Optamos por chamar todo este esforço de Pragmática, mesmo quando os próprios autores dos estudos não se identificam com o conceito. Eleger o ponto de vista pragmático não significa não reconhecer a imprecisão que permeia o termo e a própria disciplina. Esta escolha implica correr vários riscos. Alguns deles podem ser:

- Sermos considerados pouco rígidos e suscetíveis *demais* à interdisciplinaridade, permitindo que o objeto específico da linguística se confunda com outros, sendo-lhe negado tratamento específico e especializado.
- Sermos acusados de irresponsabilidade teórica por colocarmos no mesmo “saco” (ou “cesto de lixo”) linhas teóricas sérias que buscam autonomia dentro da linguística.
- Sermos considerados teoricamente superficiais, ou mesmo simplistas, ao deslocar várias disciplinas para o bojo de uma só, com a agravante de ser esta última uma disciplina considerada difusa em seus objetivos e métodos.
- Sermos criticados por eventualmente sugerir que a linguística (ou parte dela) passe a fazer parte da Pragmática, que surgiria no meio científico (como de fato está) como uma vasta Teoria da Ação ainda por se normalizar.

Tais críticas procedem. Mas a reflexão que se instala também procede. Permitimo-nos reforçar a idéia de que entender o sentido

exige aceitarmos que este se produz na língua em uso e que qualquer visão alternativa implica perda de sentido. As teorias lingüísticas preocupadas com a produção do sentido de modo amplo têm mais em comum entre si do que imaginam, pois a própria noção de discurso aceita por todas elas traz em si a noção de movimento, de dinamismo, de ação, a qual a Pragmática se esforça por definir em termos lingüísticos. Se, além disto, pensarmos que a lingüística brasileira para se fortalecer perante a comunidade lingüística nacional e internacional precisa mais de unidade e menos de fragmentação, é no mínimo conveniente levar em conta mais o que há de comum nas diversas concepções atuantes e menos o que há de divergente entre elas. Isto não significa abafar correntes em nome de uma falsa unidade. Não é deste tipo de unidade forjada que falamos. Trata-se de trabalhar em prol de um tipo de unidade que tem relação com maturidade intelectual e preocupação concreta com o percurso da lingüística no Brasil e o avançar de seus estudos, em particular daqueles que vêm no sentido seu fim último.

Podemos concluir, de forma parcial, que os estudos sobre sentido no Brasil, embora recentes, caminham firmemente abarcando muitos aspectos relevantes, mas falta-lhes a atribuição de seu próprio sentido, a ser dada pelos próprios responsáveis pelo seu desenvolvimento. A fragmentação deve-se mais à falta de visão de conjunto dos pesquisadores do que a divergências teóricas irreconciliáveis. Falta aos estudos sobre produção de sentido no Brasil a coesão necessária a toda produção científica coerente. A pragmática lingüística, sob a qual enquadramos os estudos sobre o sentido entendido de modo amplo, atua vigorosamente no nosso meio acadêmico/científico, embora se apresente com diferentes nomes.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTMAN, C. (1998). *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.
- KUHN, T. (1970). *The structure of scientific revolutions*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press.

PICCARDI, Tatiana. O estudo do sentido no Brasil: a língua em uso como critério de análise.

LEVINSON, S. (1983). *Pragmatics*. Cambridge Press University.

MEY, J. (1993). *Pragmatics: an introduction*. Oxford/Cambridge: Blackwell.

NERLICH, B.; CLARKE, D. (1996). *Language, action and context (the early history of pragmatics in Europe and America: 1780-1930)*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co. (Coleção Studies in the History of the Language Sciences).

\_\_\_\_\_ (1994). Language, action and context (linguistics pragmatics in Europe and America: 1800-1950). *Journal of Pragmatics*, 22.

SWIGGERS, P. (1999). *Histoire de la pensée linguistique. Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XXe. siècle*. Paris: PUF.

**ABSTRACT:** From a pragmatic point-of-view, this article delineates a short panorama of the studies about meaning in Brasil, through the survey and analysis of the summaries of the articles about the theme published between 1985 and 1999 in DELTA magazine (specialized Brazilian periodical on linguistics, whose complete name is “Documentação de Estudos em Línguística Teórica e Aplicada” (documentation on theoretical and applied linguistics studies).

**Keywords:** Functionalism, Pragmatics, Linguistic Pragmatics, Meaning, Meaning Production.